

CIÊNCIA, TÉCNICA E PENSAMENTO EM HEIDEGGER

Tomás Jobin Coutinho Lopes¹
Fábio Libório Rocha²

RESUMO: Este trabalho abordará a Ciência moderna e a técnica vistas sob a perspectiva de Martin Heidegger. Pretende-se demonstrar que o tratamento conferido pelo autor a tais questões se mostra coerente com a questão central de seu pensamento, qual seja, o sentido do *ser*. Portanto, o presente artigo tem como objetivo a exegese dos textos nos quais Heidegger trata sobre a Ciência moderna e a técnica diretamente, que se intitulam: “*A questão da técnica*” e “*Ciência e pensamento do sentido*”, destacando a presença do questionamento ontológico também em tais obras.

Palavras-chave: Ciência moderna. Técnica. Pensamento. Heidegger.

ABSTRACT: This paper will approach the modern Science and the technique by the point of view of Martin Heidegger. We aim to demonstrate that the treatment made by the author concerning these matters show itself coherently with the pivotal question of his thought, that is the meaning of *being*. Therefore, the present paper has as its goal the interpretation of the texts in which Heidegger treat about the modern Science and the technique directly. These texts have as its titles “The question concerning technology” and “Science and the thought of the meaning”. We shall emphasize the meaning of *being* as a concerning in these Works.

Keywords: Modern Science. Technique. Thought. Heidegger.

INTRODUÇÃO

A ciência moderna se constitui à primeira vista como um complexo e eficiente meio de investigação, que se dirige a uma busca incessante de dados provenientes de eventos naturais, colossais ou microscópicos, com a finalidade de conformar tais dados e eventos em uma teoria geral, que possa ser comprovada matematicamente e que possa explicar a totalidade dos fenômenos observáveis na natureza. Também à primeira vista, a ciência moderna se utiliza de instrumentos, de técnicas e métodos para a consecução de seus objetivos. A técnica, portanto, aparentemente se configura como um meio auxiliar, instrumental e subserviente à ciência moderna. A humanidade se apoiou de tal modo nos pressupostos da ciência moderna, que qualquer declaração ou discurso só ganha aceitação definitiva do público em geral quando vinculados a algum dado obtido através de

¹ Bacharel em Direito pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Email: tomasjobin@bol.com.br

² Pós-doutor (2015) em Psicologia Clínica e Cultura pela UNB. E-mail: liborio.fabio@gmail.com

uma pesquisa científica. Quando não é assim, tal atestado confere valor, grau de credibilidade superior aos discursos desprovidos de “cientificidade”.

A ciência moderna se caracteriza por uma incessante pretensão de domínio, ou ao menos pela confortável ilusão de que a natureza pode ser totalmente domada. Essa confortável ilusão, que se apoia nos progressos já conquistados, confere legitimidade à ciência, para que ela prossiga em sua marcha, e ingresse em todos os campos nos quais esteja em questão a obtenção e posterior disposição de alguma verdade. Nesse sentido, ela pode ingressar em campos de saber que antes lhe eram estranhos, tocando também matérias tradicionalmente pertencentes às chamadas “ciências do espírito”. Estes são alguns dos modos mais evidentes de exteriorização da ciência e da técnica modernas e as finalidades e pretensões que lhes movem. Cumpre-nos então indagar os limites de tais pretensões, ou de estabelecer o modo como nos relacionamos com a dinâmica da ciência e da técnica moderna como modos de pensar humanos. Portanto, o presente trabalho busca evidenciar que atitude é essa, ou qual a essência do técnico e do científico no pensamento de Martin Heidegger. O presente estudo se concentrará no modo como Heidegger trata a ciência moderna e a técnica e como elas se relacionam em seu pensamento como um todo, sendo necessária inicialmente a inserção de alguns conceitos basilares de Heidegger, para que possa ser feito o estudo dos textos nos quais o autor trabalha tais questões diretamente.

INTRODUÇÃO DE ALGUNS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE HEIDEGGER PARA O ESTUDO DOS TEXTOS “A QUESTÃO DA TÉCNICA”, “CIÊNCIA E PENSAMENTO DO SENTIDO”.

Na perspectiva de Martin Heidegger, em uma primeira aproximação a ciência moderna e a técnica seriam constituídas pela extrema fixação nos “entes”. Os “entes” intramundanos, são todas as coisas contidas no mundo, diferenciadas como *categoriais*, destituídas do modo de *ser* próprio do “*Dasein*” ou “*ser-aí*”, o ente que nós sempre somos. O *ser-aí* seria um ente *existencial*, que não está simplesmente contido no mundo, mas que é constituído de “*mundanidade*”. Explicar a “*mundanidade*”, bem como os outros modos de *ser* do *ser-aí*, é o objetivo da chamada “*analítica existencial do ser-aí*”, empreitada realizada em *Ser e tempo*. Realizando tal analítica seria possível se posicionar, ou preparar o solo para a questão acerca do *ser* [dos entes] em geral, ou seja, buscar

uma “*ontologia fundamental de onde todas as demais podem originar-se.*” (HEIDEGGER, 2015, p. 49).

“Por que existe afinal o ente e não antes o nada?” (HEIDEGGER, 2008a, p. 133) Esta seria uma pergunta genuinamente ontológica, a pergunta metafísica fundamental, que indaga pelo *ser* dos entes. É o tipo da pergunta que o cientista nunca faria, simplesmente porque ele busca os entes e não o *ser* dos entes, sua busca e sua explicação do mundo é, portanto, ôntica e não ontológica. A ciência moderna e a técnica se fundamentam e se perpetuam no esquecimento do *ser*. Para Heidegger, não só a ciência moderna, mas a própria filosofia ocidental, a tradição metafísica, teria sucumbido a tal esquecimento, fundando a resposta pelo *ser* no ente, o ente supremo (*causa prima*) ou o próprio Deus, daí porque Heidegger denomina a tradição metafísica ocidental como *ontoteologia*. O impulso original de toda a filosofia teria, portanto, cedido lugar a formas ônticas para resolver a questão sobre o sentido do *ser* em geral.

É isso que em *Ser e Tempo* Heidegger denomina decadência: “*o esquecimento da verdade do ser em prol do acometimento do ente, impensado em sua essência, é o sentido do que em Ser e tempo se chama decadência*” (HEIDEGGER, 2008b, p. 345). A história da metafísica, como movimento do pensamento ocidental, é esse constante esquecimento do impulso que lhe originou. A tradição filosófica ocidental é, portanto, constituída de camadas sedimentadas que determinam as possibilidades de recolocar a questão fundamental, e assim, sempre conduzem ao esquecimento do *ser*. O esforço de Heidegger consiste em remover tais camadas, proporcionando experiências originárias, transparecendo a questão fundamental.

Caso a questão do *ser* deva adquirir a transparência de sua própria história, é necessário, então, que se abale a rigidez e o enrijecimento de uma tradição petrificada e se removam os entulhos acumulados. Entendemos essa tarefa como *destruição* do acervo da antiga ontologia, legado pela tradição. Deve-se efetuar essa destruição seguindo-se o *fio condutor da questão do ser* até chegar às experiências originárias em que foram obtidas as primeiras determinações de ser que, desde então, tornaram-se decisivas (HEIDEGGER, 2015, p. 61).

Contudo, o intento do presente trabalho não é ingressar no projeto de *Ser e tempo*, que se concentra na preparação para o questionamento sobre o sentido do *ser* através de um ente privilegiado, o *ser-aí*. Ressalte-se, portanto, que o pensamento de Heidegger passou por uma “*viragem*” (*Kehre*), reposicionando o *ser-aí*, que perde o protagonismo existencial que lhe fora

concedido em Ser e tempo, e o questionamento ontológico ganha maior amplitude, perpassando outros caminhos nos quais o “*ái*” do *ser-ái* possa se dar como acontecimento apropriativo (*ereignis*), mostrando-se como história do ser e ao mesmo tempo como seu encobrimento. (GADAMER, 2009, p.85).

Falar em permanência em aberto do ser, sem partir do ser-ái e de sua abertura do horizonte, se mostrava agora como uma tarefa importante, totalmente irrealizada em sua análise conceitual (GADAMER, 2009, p. 84).

Heidegger, na *Carta sobre o humanismo*, atribui esse novo aspecto de sua investigação a uma insuficiência da linguagem da tradição, que limitou o objetivo de seu pensamento. Portanto, pode-se concluir que mesmo com uma mudança de rumo, o questionamento central de Heidegger permanece uno e se preserva mesmo no Heidegger tardio. A visada sobre a questão ontológica fundamental se apresenta, assim, por caminhos diversos. Portanto, podemos chegar à conclusão de que a questão do sentido do *ser* também se encontra nos textos nos quais Heidegger trabalha a questão da técnica e da ciência moderna, quais sejam: “*A questão da técnica*”, “*Ciência e pensamento do sentido*”. Estes textos nos proporcionam um horizonte de interpretação que pode ser obtido em face da ciência moderna, possibilitando o estudo de seu estatuto ontológico e localizando-a como um modo de pensar humano. Verificar o estatuto ôntico-ôntológico da técnica e da ciência moderna significa interpretar tais modos de pensar de forma originária, que se dá antes de qualquer constatação sobre a possibilidade de autoaniquilação da espécie humana, ou sobre qualquer uso ou resultado que possa ser constatado de tais aspectos constitutivos do homem moderno.

A ESSÊNCIA DA TÉCNICA E DA CIÊNCIA MODERNA SEGUNDO HEIDEGGER

“A QUESTÃO DA TÉCNICA”

No texto, “*a questão da técnica*”, Heidegger tem como intenção principal indagar pela essência da técnica. Tal pretensão, contudo, não se refere a qualquer propriedade essencial da técnica, como se sua essência fosse o modo como esta se exterioriza, ou seja, o modo como à

técnica é tratada pela historiografia, que seria o modo mais patente e óbvio de observar um fazer tão corriqueiro no cotidiano moderno. Para Heidegger, “*a essência da técnica não é nada de técnico.*” (HEIDEGGER, 2008c, p. 11). Heidegger quer insistir, sobretudo, que a essência da técnica não é sua *instrumentalidade*, a técnica não é um instrumento do homem, um mero meio, mas, sobretudo, uma finalidade, um modo de desencobrimento, de trazer à tona e fazer vigente uma verdade. A técnica é, portanto, um modo de pensar.

A técnica não é, portanto, um simples meio. A técnica é uma forma de desencobrimento. Levando isso em conta, abre-se diante de nós todo um outro âmbito para a essência da técnica. Trata-se do âmbito do desencobrimento, isto é, da verdade (HEIDEGGER, 2008c, p. 17).

Como o homem pensa tal atividade é determinante para interpretá-la em face das pretensões e realizações deste modo de pensar. Assim, parece bastante sugestiva a incessante busca por novas fontes de energia e por exoplanetas que possuam água em estado líquido e oxigênio. O homem busca grandes reservatórios de energia, porque na essência da técnica, a natureza é um infinito “*fundo de reserva*”. Nesse sentido, a busca pela vida extraterrena pressupõe como objeto o conceito biológico de vida, e toda a investigação da moderna astronomia consiste na obtenção de dados que possam se alocar em uma totalidade prévia de sentidos, da qual a vida biológica e suas respectivas necessidades fazem parte. Destarte, o vento é vento a ser dis-posto nas velas do navio, assim como o solo para fornecer minério. Exoplanetas são, portanto, outros “*planetas Terra*” que possam ter aptidão para tal dis-posição, do mesmo modo como o nosso planeta o é. O desencobrimento assim realizado se desenvolve pela dis-posição, ou seja, pelo encaixe do objeto investigado (a natureza como ente objetivável) em um emaranhado de sentido previamente estabelecido. E quando essa dis-posição se opera o objeto de pesquisa se dissolve até que “*desapareça no não-objeto da disponibilidade.*” (HEIDEGGER, 2008c, p. 22)

Nessa sucessão integrada de disposições de energia elétrica o próprio rio Reno aparece, como um dis-positivo. A usina hidroelétrica não está instalada no Reno como a velha ponte de madeira que, durante séculos, ligava uma margem à outra. A situação se inverteu. Agora é o rio que está instalado na usina. (HEIDEGGER, 2008c, p. 20)

A este apelo constante de dis-posição que impele o homem em suas investigações Heidegger denomina com-posição (*Ge-stell*). A essência da técnica reside, como já foi dito, em um modo de descobrimento, e vigora assim onde ocorre a *aletheia*, a verdade. É, assim, um destino já anunciado desde os primórdios da filosofia. Heidegger não busca assim valorar a essência da técnica positiva ou negativamente em uma perspectiva moralizante, mas reflete, sobretudo, acerca de como a com-posição, como apelo de dis-posição, pode solapar e distanciar o homem do *ser*, isto é, do homem de sua relação consigo mesmo (HEIDEGGER, 2008c, p. 30).

Ademais, a com-posição encobre também o próprio descobrimento operado na dis-posição. A técnica passa então a empobrecer o próprio pensamento, se distanciando de ser mesmo um modo de pensar. O que nos cabe então, segundo Heidegger, é repensar a técnica segundo sua essência, não somente para constatar sua instrumentalidade, não para percorrer os caminhos já delineados nos primórdios da filosofia, mas buscando o impulso que lhe originou como um modo de pensar. Não se trata, pois, de demonizar a técnica e suas realizações, pois ela faz parte de um dos modos pelos quais o homem descobre, desvela sentidos. Cumpre-nos, então, pensá-la ali onde o pensar é *propriamente* pensar, e só pode ser assim se for um pensar junto ao *ser*.

Assim, como pretende Heidegger, “*a discussão decisiva com ela [a técnica] têm de dar-se num espaço que, de um lado, seja consanguíneo da essência da técnica e, de outro, lhe seja fundamentalmente estranho.*” (HEIDEGGER, 2008c, p. 37). Aqui Heidegger tem uma opção clara pela poesia como tal modo de pensar. A técnica, em sua essência, ou seja, como modo de pensar, é o destino já anunciado desde o início do pensar ocidental, ou para ser mais explícito, o modo de pensar ocidental é, por excelência, “*técnico*”, e isso abrange todos os campos onde esteja em questão *aletheia*, verdade. De forma provisória, podemos saber nesta parte do estudo que a técnica como pensamento ocidental é para Heidegger mais abrangente que a ciência moderna, determinando seus rumos e os modos de sua investigação. O modo de pensar técnico ingressa assim em todas as ciências específicas, como a filologia, a psicologia, a historiografia e a física. Estes são campos específicos nos quais o pensamento técnico, ou a técnica em sua essência se opera. É necessário aqui então fazer um estudo acerca do que se entende por ciência, ou como Heidegger fez em “*a questão da técnica*”, perscrutar também a essência da ciência.

“CIÊNCIA E PENSAMENTO DO SENTIDO”

Como passo preparatório de seu tratado sobre a ciência moderna, Heidegger opta por designá-la por meio da frase: “a ciência é a teoria do real” (HEIDEGGER, 2008d, p. 40). Para analisar esta frase, Heidegger se dedica a esmiuçar os significados dos termos, “real” e “teoria”. Real, segundo Heidegger, é o “vigente”. Este é o sentido obtido quando do tratamento do termo *enteléquia*, termo caro ao estudo da metafísica aristotélica e que é tradicionalmente tratado como capacidade inata para agir. Assim, segundo Heidegger, o sentido mais próprio da palavra *enteléquia* seria o que se mantém na plenitude de sua vigência, ou a “vigência do vigente” (HEIDEGGER, 2008d, p. 43). Este sentido primordial teria sido entulhado por outros significados, sobretudo pelos romanos, que entendem o real como *actu* ou *operatio*. O vigente então seria, pela tradução romana, ou mais precisamente, pelo modo romano de estar no *ser*, como o resultado do que bem se sucedeu, como resultado de uma *operatio*, ou seja, como êxito.

O real é, agora, o sucedido, tanto no sentido do que aconteceu, como, no sentido do que tem êxito. Todo sucesso é produzido por algo que o antecede, a causa. É, então, que o real aparece à luz da causalidade da *causa efficiens*. (HEIDEGGER, 2008d, p. 43).

Esse sentido romano vai paulatinamente se trasmudando; se o real passa a ser entendido como o que é obtido com êxito, em uma relação de causa-efeito, pode-se depreender que, como implicação necessária disto, ele deve ser obtido como resultado de um esforço, de um fazer. Assim “o resultado de um feito de um fazer é o fato” (HEIDEGGER, 2008d, p. 44). O que é “*de fato*”, significa hodiernamente o que “*é certo*” e “*seguro*”. Resultante de todas essas transmutações significativas, chegamos ao real como ob-jeto (*Gegen-stand*), ou seja, como o sentido de algo que se obtêm mediante um desempenho e que se assegura como um setor estável do vigente. Segundo Heidegger, esse sentido do real como objetividade não foi representado pelos gregos nem no pensamento medieval, tal representação adveio a partir do século XVII.

Heidegger passa então à teoria, na frase “a ciência é a teoria do real”. Teoria, pelo modo grego de estar no *ser*, é uma visão do perfil, da forma (*eidos*), pela qual o vigente se mostra. A teoria, ou a vida teórica, se dedica a visualizar o vigente e “*por esta visão ficar sendo com ele*” (HEIDEGGER, 2008d, p. 45). Se o vigente é o real então a teoria é a visão do real, do verdadeiro. No pensamento grego tal esforço seria constitutivo de uma forma de vida mais elevada, superior ao

pensamento prático que se dedica à produção artesanal e ofícios correlatos. A vida “*contemplativa*” que se dedica à verdade (*aletheia*) é superior à vida ativa. Como demonstra Heidegger, *contemplari* significa “*separar e dividir uma coisa num setor e aí cercá-la e circundá-la*” (HEIDEGGER, 2008d, p. 46).

A tradução alemã de *contemplatio* é *betrachtung*, que significa observar, e de tal palavra se deriva a expressão *trachten* que significa aspirar a algo, lutar por algo para disto se apossar. O real é, assim, elaborado, produzido por uma “*representação processadora*”, obtido através de sucessivas intervenções e operações que têm o fito de obter uma previsibilidade em seus nexos de causa e efeito. Tal representação que nos chega na Idade moderna, ou seja, do real como aquilo que pode ser objetivado, é a marca da ciência moderna e já se distancia muito do sentido grego ou mesmo medieval, que não admitiria esse tipo de intervenção ou representação processável do real.

Seria estranho para um medieval e deveria ser atordoante para o pensamento grego tanto ex-por o vigente, seja a natureza, o homem, a história, a linguagem, como o real de uma objetividade, quanto transformar a ciência numa teoria que investiga o real e o assegura na objetividade (HEIDEGGER, 2008d, p. 48).

A ciência moderna, ou o cientificismo moderno, tem por essência essa representação que clama por dividir o real em setores. O caráter regional da objetividade é expresso no intento perene por dissecar as ciências e seus respectivos objetos em âmbitos cada vez mais específicos. É por isso que o movimento das ciências se dá no sentido da especialização. Esse processamento assegurador de setores específicos se expressa no método e no cálculo.

A CIÊNCIA MODERNA COMO DIS-POSIÇÃO E COM-POSIÇÃO DO REAL COMO OBJETO.

Neste passo conquistamos um horizonte no qual é possível estabelecer uma conexão entre a descrição que Heidegger faz da ciência moderna com a preleção sobre a essência da técnica. Podemos perceber um ímpeto das ciências por especializar seus setores de investigação como, por exemplo, a física, que se divide em macrofísica e física atômica. Embora sejam campos de investigação com métodos próprios e com cálculos próprios, os dois campos se movem no impulso de obtenção de uma teoria geral que possa se expressar uma fórmula matemática que dê conta dos

dois mundos (o macroscópico e o microscópico). O impulso que move as ciências segue, portanto, a lógica da essência da técnica, que consiste em dis-por os setores do real e conformá-lo em uma totalidade instrumental.

A objetividade se transforma na constância da dis-ponibilidade determinada pela com-posição. Só assim a relação sujeito-objeto chega a assumir seu caráter de “relação”, ou seja de dis-posição em que tanto o sujeito como o objeto se absorvem em dis-ponibilidades. Isso não significa que a relação sujeito-objeto desaparece mas, ao contrário, que somente agora atinge seu completo vigor já predeterminado pela com-posição. Ela se torna, então, uma dis-ponibilidade a ser dis-posta (HEIDEGGER, 2008d, p. 52).

Podemos então reafirmar que a essência da técnica, ou seja, o apelo da dis-ponibilidade do disponível engloba a ciência moderna em seu impulso por assegurar o real em sua objetividade. A ciência moderna é somente mais um setor que expressa o pensamento metafísico ocidental, que é eminentemente técnico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tivemos a oportunidade de demonstrar, quando da exegese do texto “*a questão da técnica*” que o apelo constante pela com-posição, solapa o mesmo o pensamento técnico e mais ainda o pensamento junto ao *ser*. Já havíamos conquistado a constatação de que o pensamento técnico é, para Heidegger, a etapa definitiva, o destino já anunciado do esquecimento do ser. Também quando do tratamento da ciência moderna podemos obter essa mesma conclusão acerca da ciência como teoria do real, não somente pela sua ligação umbilical com o pensamento técnico, mas também porque a ciência [ou as ciências] sempre deixa escapar algo de incontornável, por dois motivos. Primeiro: como a ciência se assegura de seus objetos de forma recortada, setorial, ela só conquista também uma parte do vigente, ou somente uma forma pela qual o vigente pode se ex-por.

Segundo: como derivação da primeira constatação, a ciência nunca se pergunta pelo incontornável, que é o que não é dito sobre o vigente em sua objetividade, e ela não o faz simplesmente porque isso não faz parte de sua essência mesma, porque se o fizesse não seria ciência no sentido moderno. O incontornável e inacessível que acossa as ciências é o nada, e a

ciência não lida com o nada, lida com o que é, ou seja, o ente. Assim, a ciência se perpetua também na decadência, no esquecimento do ser para o acometimento do ente. Novamente, assim como fez no texto precedente, Heidegger quer acentuar que a constatação dos aspectos constitutivos da ciência como teoria do real, bem como do incontornável que ela implica, pode nos encaminhar para pensamento do sentido, qual seja, o questionamento do *ser*. Assim, antes de qualquer constatação de uma “*tecnofobia*” em Heidegger, é necessário considerar que a ciência e a técnica, mesmo mergulhadas no esquecimento do *ser*, podem ser o ponto de partida para a reconquista de tal questão, que é constante mesmo em seu pensamento tardio.

REFERÊNCIAS

GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica em retrospectiva**; tradução de Marco Antônio Casanova. Obra em volume único. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **A razão na época da ciência**; tradução de Ângela Dias. – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 10. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015

_____. **O que é metafísica?** In: Marcas do caminho. Tradução de Enio Paulo Gachini e Ernildo Stein; revisão da tradução de Marco Antônio Casanova. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008a.

_____. **Carta sobre o humanismo**. In: Marcas do caminho. Tradução de Enio Paulo Gachini e Ernildo Stein; revisão da tradução de Marco Antônio Casanova. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008b.

_____. **A questão da técnica**. In: Ensaios e conferências. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. 5 ed. – Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008c.

_____. **Ciência e pensamento do sentido.** In: Ensaio e conferências. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. 5 ed. – Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008d.